

Não digam que estamos mortos

Danez Smith

Bazar  DO TEMPO

SLIP

NÃO DIGAM
QUE ESTAMOS
MORTOS

DANEZ
SMITH

TRADUÇÃO
André Capilé

POSFÁCIO
Ricardo Aleixo

Bazar  TEMPO

CARA AMÉRICA BRANCA

deixei a Terra em busca de planetas mais escuros, um sistema solar rodando bem perto de um buraco negro. parti em busca de um novo Deus. eu não confio no Deus que nos foi dado. o aleluia de vovó só é superado pelo temor que ela nutre toda vez que o verão sangueseboso engole outra criança que costumava cantar no coral. leva seu Deus daqui. embora suas canções sejam lindas, seus milagres são inconsistentes. eu quero a fortuna de Lázaro para Renisha, quero que Chucky, Bo, Meech, Trayvon, Sean & Jonylah ressuscitem três dias após seus sepultamentos, seus fantasmas reofertados carne & sangue, carne & sangue reofertados a suas crias. deixei a Terra, tô tão de saco cheio do seu volta pra África quanto do seu não enxergo raça. tampouco os álamos. não construímos seus barcos (embora deixássemos uma trilha de ancestrais pra nos guiar pra casa). não construímos suas prisões (embora, sim, as construíssemos & também as lotássemos). não pedimos pra fazer parte da sua América (não somos a América, apesar de? seus frágeis nós, arrastando um vestido esfarrapado por Oakland?). firme, não suporto o chão dos seus fundamentos. tô de saco cheio de chamar tua imprudência de lei. cada noite conto meus irmãos. & pela manhã, quando alguns não sobrevivem pra serem contados, conto as covas que deixaram. estendo a mão ao povo preto & toco apenas o ar. seu truque de mestre, América. ora ele respira, ora não. abracadáver. macumba pra turista, feitiço que alega não praticar. dá logo uma pistola ao meu primo pra fazer o trampo por vocês. eu tentei, gente branca. tentei branquelos, mas passaram o funeral do meu mano fazendo planos prum cafezinho, falando alto demais ao lado de seus ossos. vocês deram uma

olhada no rio o corpo inchado do menino depois da menina & depois da bofinha & perguntam: por que é que é sempre uma questão de raça? porque vocês insistem que seja sempre assim! porque você marcou um asterisco no rosto lindo da minha irmã! chamou-a de bonita (pra uma garota negra)! porque cargas d'água meninas negras desaparecem sem nenhum sussurro?! porque não há *amber alerts* pra meninas de pele âmbar! porque Jordan explodiu. porque Emmett assobiou. porque Huey P. falou. porque Martin pregou. porque meninos negros sempre podem ser espalhafatosos demais pra viver. porque tomaram o tempo do meu avô e da minha avó, o tempo do meu pai, o tempo da minha mãe, o tempo da minha tia, o tempo do meu tio, o tempo do meu irmão e da minha irmã . . . quanto tempo você quer pra alcançar seu progresso? eu deixei a Terra pra encontrar um lugar onde os da minha cepa possam estar a salvo, onde os negros não são senão pessoas da mesma cor que a terra boa e úmida, até que isso exprima alguma coisa, eu desejo a vocês, bem, desejo guerra a vocês, dou-lhes nossas vidas pra apostar nada mais. deixei a Terra & toco em tudo que pedem a seus telescópios pra lhes mostrar. estou dando às estrelas o nome certo. & esta vida & esta nova história, esta história que não podem nos roubar, nem vender ou lançar ao mar, nem enforcar, espancar ou afogar, nem adonar ou balizar, nem berrar, silenciar ou enganar, nem asfixiar ou disfarçar, nem prender ou atirar, prender ou atirar, prender ou atirar, nem arruinar

isso, ainda que apenas isso, é nosso.

OS DINOS DA RUA

vamos fazer um filme chamado *Os Dinos da Rua*.

um passeio pelo *Parque dos Dinossauros Sexta-Feira em*

[Apuros *À Procura da Felicidade*.

tem de haver uma cena em que um menininho negro brinca

com um Dino Papa Tudo no ônibus, depois olha pela janela

& vê o *T. rex*, porque tem que aparecer um *T. rex*.

não deixa o Tarantino dirigir isso. na versão dele, o menino brinca

com uma arma, a metáfora: meninos negros jogam com suas próprias vidas

o prenúncio de seu fim, a imagem cuspidada e escarrada de seu pai.

bah, a criança tem um brontossauro ou triceratope de plástico

& essa é a prova de sua mágica ou de Deus ou de Papai Noel. quero uma cena

onde um pterodátilo caga no carro dos canas, uma cena

em que a loja da esquina se transforma num campo de batalha. não deixa

os irmãos Wayans neste filme. não quero nada dessa merda racista

sobre sujeitos asiáticos ou estereótipos exagerados de latinos.

este filme é sobre um bairro de nobres cidadãos —

filhos de escravos & imigrantes & drogados & exílio — salvando sua cidade

de dinossauros reais pacaralho. não quero um filme policial cafona, mas

[progressista

com um herói Hmong, sexy e fodão, que tem uma parceira negra engraçada,

porém forte e imponente, fazendo o tira bom na fita. só que não vai ser

[estrelado

por Will Smith & Sofia Vergara. eu quero vovós de infantaria na varanda
[derrubando pterossauros
com as armas delas ocultas nas paredes & sob os colchões. eu quero
[dinossaurinhos
que babam histericamente. eu quero que Cicely Tyson faça um discurso,
[talvez dois.
eu quero que Viola Davis salve a cidade na cena final com um golpe de
[afropunho
atravessando o longo pescoço do último dinossauro de sangue frio. mas
[isso não pode ser
cinema negro. isso não pode ser cinema negro. este filme não pode ser
[desprezado
por conta de seu elenco ou público. este filme não pode ser uma metáfora
pra pessoas negras & extinção. este filme não pode ser sobre raça.
este filme não pode ser sobre a dor do negro ou causar dor ao negro.
este filme não pode ser sobre uma longa história de haver uma longa
[história de mágoa.
este filme não pode ser sobre raça. ninguém pode dizer negão neste filme
se não pode dizer isso na minha cara em público. sem piadas de frango
neste filme.
sem buracos de bala nos heróis. & ninguém mata o menino negro. &
[ninguém mata o
menino negro. & ninguém mata o menino negro. além disso, a única razão
de eu querer fazer isso reside na primeira cena, de qualquer maneira:
[o menininho negro

no ônibus com seu Dino Papa Tudo, os olhos arregalados & no infinito

os seus sonhos possíveis, pulsando & bem ali.

NÃO VAI SER UMA BALA

virando uma luzinha — incandescente em mim uma noite.
deus, graças. posso ir em silêncio. o doutor explicará a morte
& eu vou praticar.

no catálogo das maneiras de matar um menino negro, encontre-me
enterrado por entre as páginas grudadas
com marcador vermelho. irônico, previsível. olha pra mim.

não sou o tipo de homem negro que morre nas notícias.
sou do tipo que cresce fino & fino & fino
até que a luz nos supere, & nos tornemos isto, família
junta em volta de meu corpo escasso dizendo-me que eu vá
em direção a mim mesmo.

O CORPO NEGRO QUEER COMO LUGAR DO POEMA. COMO POEMA.

Ricardo Aleixo

1

A voz enquanto *escrita* e a escrita, na superfície silenciosa da página, como um *lugar de passagem* para um desrecalque da vocalidade que a estrutura, em lances sintáticos vertiginosos, enunciadores do ponto de vista descentrado, em contínua movência, de uma pessoa-poeta que, para falar a partir de sua tripla condição de “negro”, “não-binário” e “soropositivo”, lança mão de um eu lírico abrangente, expansivo, conectado à vida das comunidades das quais faz parte: eis o que traz de mais impactante, a meu verouvir, este *Não digam que estamos mortos*, primeiro livro em “brasileiro” (ou “pretoguês”, para lembrar a pensadora e militante negra Lélia Gonzalez) de Danez Smith. Ressalte-se, de saída, o empenho do poeta e tradutor André Capilé na recriação de textos imagetivamente fortes e repletos de expressões coloquiais.

2

Começo pelo começo. Li no jornal londrino *The Guardian* que Danez cresceu numa família batista em St. Paul, Minnesota, o que já explica, em parte, o seu interesse pela palavra em situação de performance. Como se sabe, as igrejas protestantes têm sido, desde sempre, o espaço de primeiro contato com a música e a palavra entoada para diferentes gerações de artistas e políticos estadunidenses – fato que se reflete tanto no fraseado do sax de John Coltrane, na limpidez e na afinação do canto de Sarah Vaughan, na dicção de Paul Robeson quanto nos discurs-

tos improvisados de Luther King e de Malcom X, sem esquecer a prosa de Toni Morrison e a poesia de Maya Angelou, entre outras centenas de possíveis exemplos.

Danez Smith, que se via como “uma criança negra, esquisita e temente a Deus”, gostava de ouvir as conversas e as histórias contadas pelos familiares e pelas pessoas amigas que frequentavam sua casa, interessado mais no “jeito de falar” da gente adulta do que nos assuntos de que tratavam (na maioria das vezes, questões da igreja), e amava os sermões de domingo. Sua explicação para esse amor pela vocalização dos textos sagrados nos ajuda a pensar na complexa trama que se estabelece entre palavra, voz, gesto, espaço e audiência no âmbito das performances – religiosas ou artísticas – afro-diaspóricas: “Há momentos, numa igreja batista, em que o pastor fica preso no espírito... Acho que é isso que estou tentando fazer. Eu só tenho que tirar isso. Apenas deixe-me tirar isso”.

O que se fala, aí, é da coextensividade entre os elementos que constituem a performance. Esse “espírito”, afinal, pode ser a própria palavra, que, para nós, das “Áfricas espalhadas”, para usar o termo cunhado pela antropóloga Sheilah Walker, é viva, tem calor, é sagrada, é corpo dentro de outro corpo e, portanto, precisa sair. Basta assistir a uma única das inúmeras apresentações públicas de Danez disponibilizadas no youtube para entender o modo como se organiza em seu corpo um requintado e ao mesmo tempo simples processo de criação intersemitótica no qual tudo conversa com tudo, nada é acessório. As tatuagens no braço da pessoa-poeta, sua voz grave e muito bonita que se alterna entre diferentes tons, cadências e intensidades, seu cabelo, as

roupas que usa, o *piercing* na narina direita, seu impressionante jogo de expressões faciais, o, digamos assim, verdadeiro tratado de economia gestual que são os meneios com que enfatiza uma e outra passagem do seu palavreado, sua respiração – tudo se converte em texto. Não é à toa que na entrevista ao *The Guardian* Smith dispara esta boutade: “I don’t like my poems enough... my body is my poem”.

3

Refletir sobre o corpo negro em performance é muito importante para se entender este livro de Danez Smith como uma espécie de partitura básica, no sentido de essencial, a partir da qual se abrem múltiplos caminhos no âmbito da cena. E não porque seja desprovida de valor quando lida em silêncio. Apenas destaco o fato de que esta poesia parece nos lembrar, a todo tempo, que por serem organismos vivos, as palavras guardadas nos livros precisam respirar – e aqui é quase óbvia a analogia com a situação das vidas negras em contexto global (e não apenas nos Estados Unidos da tenebrosa “Era Trump”), dramaticamente resumida pela frase “I can’t breathe”.

4

Antes de entrar na questão dos poemas propriamente escritos, chamo a atenção para mais um fragmento da entrevista que mencionei, o qual diz respeito à importância atribuída por Danez Smith à ideia de comunidade: “Você não tem o luxo de ser um indivíduo”, afirma taxativamente, com base na premissa de que “ser negro, *queer* ou pobre – ser um indivíduo sempre significou a morte para nós. Ser mulher sozinha é perigoso – ensinamos isso às nossas filhas, ensinamos isso aos ne-

gros. Nossa libertação vem através da comunidade, organização, coletivização. Individualidade significou estar abandonado. A individualidade é um privilégio, certo? As únicas pessoas que podem pensar em si mesmas como separadas das outras pessoas que tornaram suas vidas possíveis são os caras brancos heterossexuais”.

É interessante constatar que tal reflexão nos é proposta não por alguém que se vê excluído pelo sistema artístico do país onde vive, mas por uma pessoa-poeta que se encontra em uma etapa já bastante destacada de sua trajetória artística, isto é, lá naquele entrecho mais promissor de uma carreira profissional em que tantos e tantas deixam de cultivar o senso de pertença em relação à sua comunidade de origem e às comunidades imaginadas, projetadas e firmadas ao longo da vida, e se entregam aos jogos de ilusionismo difundidos e controlados pelo Deus Mercado.

5

E assim chegamos, enfim, aos poemas que compõem este livro, a todos os títulos admirável. Cada verso, aqui, pode ser lido como a reiteração de um alerta sobre a experiência da juventude negra de um país (a “América” – mito de fundação que não é questionado nem mesmo pelos setores progressistas da política e da cultura estadunidense) que aprimora e exporta modelos de genocídio e de encarceramento em massa da população “afro-americana”. A boa surpresa é que os poemas de Danez Smith, para quem “todo poema é político”, nada têm a ver com o típico panfleto militante disfarçado de “poema político” que grassa, creio que no mundo todo, nas rodas de Slam e, entre nós, nos saraus e nas redes sociais.

Verse maker de muitos recursos, Danez, sabe-se lá se conscientemente, organiza a mancha gráfica de seus textos de um jeito “não-binário”. Dito de outro modo, em meio a poemas de extensões variadas, encontram-se alguns textos com espacialização e, por vezes, cadência “de prosa”, como o impressionante “cara américa branca”: “(...) eu tentei, gente branca. tentei branquelos, mas passaram o funeral do meu mano fazendo planos prum cafezinho, falando alto demais ao lado de seus ossos. vocês deram uma olhada no rio o inchado feito o corpo do menino depois da menina & da bofinha & perguntam: por que é que é sempre uma questão de raça? porque vocês insistem que seja sempre assim! porque você marcou um asterisco no rosto lindo da minha irmã! chamou-a de bonita (pra uma garota negra)! porque cargas d’água meninas negras desaparecem sem nenhum sussurro?! porque não há amber alerts para meninas de pele âmbar!”.

Prova da densidade lírica alcançada por Smith em muitos momentos é o bonitíssimo poema “& até perfis de caras negros dizem *desculpe, não aceito negros*”, que reproduzo na íntegra, ainda para frisar a opção da pessoa-poeta em tela por borrar as fronteiras entre a poesia e a prosa (com o monólogo teatral de permeio): “imagina uma tulipa, ao ver um jardim cheio de tulipas, a derramar suas pétalas com nojo, em prece pra que alguma abelha pouse seu pólen em uma roseira. imagine sombras desejando uma sala com luz por todo canto. você olha no espelho & vê um homem que te recusa o amar. criancinha dormindo perto do Omo, sonhando com bolhas de sabão & leite, se ninguém te disse, você é magnífico & amável & negro & basta & então - você lindo você - sou eu”.

A terceira seção do poema “imprudentemente” é mais um exemplo de uso competente da espacialização mais afeita a textos em prosa. Como que a assinalar a já aludida dimensão partitural de seus escritos, Danez separa os versos com barras, numa espécie de prefiguração do gesto a ser materializado no espaçotempo único e irrepetível de possíveis futuras performances: “cantando imprudentemente fora da garganta / de um menino, dirige imprudente com as mãos / de um menino, deito minha boca num homem / como você deita um menino / na cama / arruína um menino como um menino / corre imprudentemente / na chuva na Páscoa branca / como os meninos / comem imprudentemente com a fome / de um menino, louva imprudentemente o que estava próximo / ajoelhado / imprudentemente com os joelhos de um menino”.

Teço essas rápidas considerações de ordem técnico-formal sem qualquer pretensão de esgotar o assunto (fico com Paul Zumthor que afirma, no clássico *A letra e a voz – A literatura medieval*, que “‘é poesia’ aquilo que o público, leitores ou ouvintes, recebe como tal, percebendo e atribuindo a ela uma intenção não exclusivamente referencial, em certo tempo e lugar”) porque me senti provocado pela singularidade do projeto criativo de Danez Smith, que em inúmeros outros poemas demonstra grande aptidão para o manejo sensível do espaço gráfico, em íntima articulação com as microestruturas sonoras de seus textos – isso a que apenas um número ínfimo de poetas tem dedicado atenção nesta nossa época novidadeira, apressada e distraída.

Estou certo de que aos olhos e ouvidos brasileiros, ainda refratários a projetos poéticos em que se enlacem, com radicalidade, premissa ética

e ousadia estética, fará bem este contato inicial com a obra de Danez Smith. Poemas como o impressionante “não vai ser uma bala”, com que encerro estas anotações, têm muito o que oferecer a quem quer que se dedique a fazer da luta contra o racismo um compromisso com a hipótese de um futuro para a espécie autodenominada humana e para as demais espécies:

não vai ser uma bala

virando uma luazinha — incandescente em mim uma noite.
deus, graças. posso ir em silêncio. o doutor explicará a morte
& eu vou praticar.

no catálogo das maneiras de matar um menino negro, encontre-me
enterrado por entre as páginas grudadas
com marcador vermelho. irônico, previsível. olha pra mim.

não sou o tipo de homem negro que morre nas notícias.
sou do tipo que cresce fino & fino & fino
até que a luz nos supere, & nos tornemos isto, família
junta em volta de meu corpo escasso dizendo-me que eu vá
em direção a mim mesmo.

Ricardo Aleixo é poeta, artista sonoro/visual e pesquisador intermídia.



DANEZ SMITH nasceu em St. Paul, Minnesota, em 1989. É poeta e performer, e se tornou um dos mais celebrados representantes de sua geração, situando-se na vanguarda de um movimento afro-americano que viu os artistas da poesia falada se moverem dos palcos e bastidores para o universo dos livros com grande sucesso. Lançou seu primeiro livro, *[insert] boy*, em 2014. Com *Não digam que estamos mortos (Don't Call Us Dead)*, de 2017, ganhou importantes prêmios de poesia e reconhecimento nacional, incluindo da crítica especializada de veículos como *The New York Times*, *The Guardian* e *The New Yorker*. Foi contemplado com diversas bolsas para criação artística e em 2020 lançou seu terceiro livro, *Homie*. Danez integra o Dark Noise Collective e apresenta, com Franny Choi, o podcast VS da Poetry Foundation.

